

Objetivo: O objetivo deste estudo é analisar o perfil epidemiológico da sífilis congênita no estado de São Paulo, identificando quais os grupos de maior vulnerabilidade para esta doença.

Método: Trata-se de uma revisão narrativa, selecionando artigos dos últimos 5 anos na base de dados LILACS, Scielo e o Boletim Epidemiológico de Sífilis 2023. Foi utilizado como critério de inclusão artigos que discutiam o perfil epidemiológico da sífilis congênita e gestacional no Brasil e no Estado de São Paulo.

Resultados: No Brasil de 2017 a 2022 foram notificados 537.401 casos de sífilis gestacional, destes 44,0% evoluíram para sífilis congênita. Já em 2022 houve 83.034 casos em gestantes com a doença, atingindo uma taxa de incidência de 32,4 casos/1.000 nascidos vivos (NV). Dados mais recentes evidenciam que no Estado de São Paulo em 2022 foram notificados 18.702 casos na gestação (36,5/1.000 NV) com 24,0% evoluindo para infecção transplacentária (8,9/1.000 NV). Número ainda bem distante da meta estabelecida pela OMS de 0,5/1.000 NV. Houve maior incidência de sífilis congênita em filhos de mães com idade entre 20 e 29 anos (58,9%), seguida de mães adolescentes de 10 à 19 anos (19,0%), em sua maioria autodeclaradas pardas. A classificação do item escolaridade sofreu interferência de análise, pois 30% das fichas preenchidas tiveram este item ignorado. Como fator de risco para sífilis congênita o não tratamento da parceria sexual, item este não mais obrigatório para classificação de sífilis adequadamente tratada, além da não adesão ao uso de preservativo favorecendo a reinfeção e o aumento das chances de transmissão transplacentária.

Conclusão: Evidencia-se alta incidência de sífilis congênita no estado de São Paulo, onde o grupo de maior vulnerabilidade são mulheres jovens, autodeclaradas pardas com parcerias sexuais não tratadas. Sendo identificado a grande importância do preenchimento adequado das fichas de notificação, para que haja a possibilidade de um melhor detalhamento das características epidemiológicas da doença, com o objetivo de facilitar o desenvolvimento de medidas preventivas contra tal afecção.

<https://doi.org/10.1016/j.bjid.2024.104214>

EP-308 - TENDÊNCIAS TEMPORAIS NAS ALTERAÇÕES HISTOPATOLÓGICAS NO COLO DO ÚTERO RELACIONADAS À INFECÇÃO POR HPV: UMA ANÁLISE EPIDEMIOLÓGICA NO ESTADO DE SÃO PAULO (2014-2023).

Giovanna Marcelino

Universidade Nove de Julho (UNINOVE), São Paulo, SP, Brasil

Introdução: A infecção pelo Papilomavírus Humano (HPV) é a mais comum entre as infecções sexualmente transmissíveis, afetando aproximadamente 80% da população sexualmente ativa no mundo. Essa infecção está intimamente ligada às lesões precursoras do câncer cervical, resultando em alterações histopatológicas no colo do útero. A infecção pelos subtipos de alto risco, juntamente com o diagnóstico

tardio das lesões, aumentam o risco de desenvolvimento de neoplasias.

Objetivo: Este estudo visa realizar uma análise quantitativa e temporal das alterações histopatológicas no colo do útero no período de 2014 a 2023 no Estado de São Paulo.

Método: Trata-se de um estudo transversal e quantitativo, a partir da análise de dados do Sistema de Informação do Câncer (SISCAN/DATASUS) sobre alterações histopatológicas no colo do útero entre 2014 e 2023 no Estado de São Paulo. Foram incluídos perfil étnico de pacientes e faixa etária de 10 a 79 anos e mais. Os dados foram analisados por meio dos softwares Jamovi e Microsoft Excel.

Resultados: Entre os períodos de 2014 a 2023, foram notificadas 20.658 alterações histopatológicas no colo do útero no Estado de São Paulo. A maior prevalência foi na faixa etária de 30 a 39 anos (32%), seguido pelo grupo de 20 a 29 anos (27,7%). A lesão precursora com maior frequência foi a NIC 1 (44,46%). O ano com maior incidência de alterações foi 2018, com 2.477 laudos. Em relação ao grupo étnico, pacientes brancas possuem maiores prevalências nas alterações cervicais histopatológicas, com 13.134 laudos (63,57%).

Conclusão: Observa-se que complicações graves relacionadas ao HPV possuem progressão lenta, logo, o diagnóstico precoce das alterações histopatológicas no colo do útero é crucial para prevenir o câncer cervical.

<https://doi.org/10.1016/j.bjid.2024.104215>

EP-309 - CENÁRIO EPIDEMIOLÓGICO DAS INFECÇÕES SEXUALMENTE TRANSMISSÍVEIS EM MULHERES PRIVADAS DE LIBERDADE NO BRASIL.

Giovanna Nardoza Martinez Reis,
Heloísa Rodrigues Marmé, Laura Vale Farao,
Rubén Darío Soares Núñez,
Deborah Christine R. Soares de Núñez

Universidade Metropolitana de Santos (UNIMES),
Santos, SP, Brasil

Introdução: A população carcerária feminina enfrenta desafios como acesso limitado à educação, saúde e renda, contribuindo para altas taxas de infecções sexualmente transmissíveis (ISTs) no ambiente prisional. A ausência de educação sexual adequada e os antecedentes das detentas, como histórico de alcoolismo, uso de drogas injetáveis, múltiplos parceiros sexuais e ocorrências prévias de ISTs, são fatores contribuintes. Nessa perspectiva, urge analisar o panorama epidemiológico do Brasil no que concerne a prevalência de ISTs no sistema prisional feminino, de forma a implementar estratégias preventivas eficazes.

Objetivo: Analisar o cenário epidemiológico das infecções sexualmente transmissíveis em contextos prisionais femininos no Brasil.

Método: Trata-se de uma revisão integrativa da literatura, realizada em abril de 2024, a partir das bases de dados eletrônicas Biblioteca Virtual de Saúde (BVS), Scielo e PubMed. Para a busca foram estabelecidos os seguintes descritores: "Infecções Sexualmente Transmissíveis", "Prisioneiros" e

“Mulheres”. Os critérios de inclusão foram: artigos publicados na íntegra, período entre 2000 e 2024, e idiomas Português, Inglês e Espanhol. Ao final da análise foram selecionados 06 artigos para desenvolver o presente estudo.

Resultados: Observa-se uma significativa prevalência de infecções sexualmente transmissíveis entre mulheres encarceradas no cenário brasileiro. Um estudo recente conduzido por Benedett et al. (2020) abordou essa realidade, identificando uma prevalência de 20,2% de ISTs na amostra analisada, com sífilis, vírus da imunodeficiência humana (HIV) e hepatite B como as mais prevalentes. Destaca-se que detentas com idade acima de 30 anos apresentaram quase três vezes mais propensão a adquirir tais infecções. Ademais, fatores como baixa escolaridade, falta de conhecimento sobre ISTs, percepção de imunidade a essas infecções e inadequada utilização de preservativos, emergem como contribuintes para a vulnerabilidade dessas mulheres. O uso de cocaína injetável triplicou a probabilidade de testes positivos para ISTs, enquanto relatos de abuso sexual quadruplicaram esse risco.

Conclusão: Nota-se a urgência de intervenções específicas voltadas para a população carcerária feminina no Brasil, a fim de reduzir a alta incidência de ISTs nesse contexto. Estratégias preventivas abrangentes, que englobem educação sexual e acesso a serviços de saúde, são essenciais, levando em conta os determinantes sociais e comportamentais dessas mulheres.

<https://doi.org/10.1016/j.bjid.2024.104216>

ÁREA: MICROBIOLOGIA

EP-310 - TERBINAFINA EM POLÍMERO ACRÍLICO PARA O TRATAMENTO DA ONICOMICOSE EM PACIENTES EM HEMODIÁLISE: UM ESTUDO CLÍNICO DE FASE II

Jeanne Marie Queiroz Borges Bersano,
Matheus Gobbo Cordeiro, Juliana Mozer Sciani,
Iara Lúcia Tescarollo,
Fernando Augusto Lima Marson

Universidade São Francisco (USF), São Paulo, SP,
Brasil

Introdução: Onicomicoses são infecções das unhas causadas por fungos dermatófitos, fungos não dermatófitos e leveduras. Pacientes com doença renal crônica dialítica fazem parte da população que apresenta índices mais elevados dessa doença devido, principalmente, a imunodepressão.

Objetivo: Avaliar a segurança e o potencial de eficácia de um tratamento que combina desbridamento ungueal com o uso de unhas de gel acrílico carreando terbinafina na [2%].

Método: Foram incluídos pacientes do Centro de Hemodiálise de um Hospital Universitário em Bragança Paulista. Os pacientes incluídos apresentavam onicomicose em hálux com formas clínicas cujo tratamento envolvia a necessidade de desbridamento ungueal. Após o procedimento de desbridamento foi aplicada uma prótese ungueal confeccionada com gel de reconstrução acrílico e terbinafina. O

procedimento foi renovado a cada 14 dias durante 11 meses. O exame micológico direto e a cultura fúngica foram realizados no início do estudo e 30 dias após a interrupção das aplicações. A avaliação da resposta clínica e cura foi realizada ao final do estudo. Os participantes responderam a um questionário sobre a percepção do tratamento.

Resultados: Dentre um total de 155 pacientes, foram identificados 64 indivíduos com quadro sugestivo de onicomicose em háluxes. Entre eles, 35 apresentaram exame micológico direto positivo e realizaram cultura fúngica. Desse grupo de pacientes, foram selecionados 24 com formas clínicas cujo tratamento envolvia a necessidade de desbridamento ungueal. Apenas 15 indivíduos completaram o estudo sendo que 5 mantiveram a positividade na cultura para fungos na presença de exame micológico direto negativo e 1 apresentou exame micológico direto positivo, porém com uma cultura negativa. Dentre aqueles com cultura fúngica positiva, 3 apresentaram microrganismos diferentes daqueles isolados nos exames iniciais. Cinco participantes apresentaram resposta clínica, 4 cura clínica e 3 cura completa. Um total de 12 participantes relataram a percepção de que as unhas estavam com uma melhor aparência durante o tratamento.

Conclusão: A aplicação de terbinafina veiculada em gel de reconstrução acrílico aplicadas após o desbridamento de formas moderadas e graves de onicomicose apresentou baixa eficácia como tratamento isolado. Por outro lado, a maioria dos pacientes tiveram uma boa percepção sobre a aparência de suas unhas, mesmo quando este não resultou em melhora clínica aparente ou cura completa.

<https://doi.org/10.1016/j.bjid.2024.104217>

EP-312 - PREVALÊNCIA DE ESCHERICHIA COLI CARREADORAS DE β -LACTAMASE DE ESPECTRO ESTENDIDO EM ANIMAIS DE ESTIMAÇÃO PERTENCENTES À MULHERES GRÁVIDAS DO SÃO PAULO, BRASIL

Guillermo Moisés Porras Cotrina,
Daniela Kallíope de Sá Paraskevopoulos,
Alexandre Inácio de Paula,
Rafael Zonin Rosendo,
Maria Luiza Toledo da Rocha,
Reginaldo Guedes, Cleonice Lopes da Rocha,
Augusto Yamaguti, Nazareno Scaccia,
Tháís Guimarães, Sílvia Figueiredo Costa

Universidade de São Paulo (USP), São Paulo, SP,
Brasil

Introdução: A resistência antimicrobiana é um problema de saúde pública e as Enterobacteriaceae produtoras de β -lactamase de espectro estendido (ESBL) são um dos grupos de bactérias que causam infecção comunitária e relacionada à assistência à saúde. Em especial infecção do trato urinário e infecções em gestantes e neonatos. A presença de bactérias como Escherichia coli com genes de resistência antimicrobiana, presentes em infecções, tem sido mais estudada nos últimos anos, onde se observou que estão presentes tanto em humanos como em animais. Sendo os animais de estimação,